

A FORMAÇÃO DA MENTALIDADE:

Edifício Lógico-Axiológico, Valores, Molduras¹.

Prof. Rui Simon Paz

Os estudos referentes aos fenômenos históricos enfocam ângulos diferentes, conforme as diferentes escolas sociológicas e historiográficas. De um lado, a abordagem macrossociológica, que tem como expoentes Karl Marx e Èmile Dürkheim, de outro, a microssociológica, onde encontramos a maior expressão em Max Weber.

O enfoque macrossociológico procura apreender o funcionamento das sociedades a partir de estruturas abrangentes, de caráter coletivo, para então compreender os aspectos particulares de cada realidade estudada.

Marx, por exemplo, contemporâneo das transformações advindas com a Revolução Industrial, concentra-se nas relações econômicas, donde busca abstrair as relações existentes entre as classes sociais que se revelam, segundo o autor, em pares dialéticos antagônicos, ou seja, em dominantes e dominados, proprietários e não proprietários. A partir desse enfoque, determina a periodização da história das sociedades humanas em face do modo como produzem a sua subsistência - as forças produtivas - e da forma como se relacionam em torno desse processo - as relações de produção.

Na Idade Média, a estrutura econômica baseava-se no trabalho servil, tendo a terra como meio básico de produção. Os principais atores sociais eram, de um lado, os senhores feudais proprietários das terras, instrumentos, utensílios e pessoas que se encontrassem em seus domínios; de outro, os servos das glebas, que detinham todo o conhecimento dos instrumentos e instruções necessários à manutenção da subsistência, tanto sua, quanto do senhor feudal, através da corvéia. Assim, esse período caracterizou-se pelo chamado Modo de Produção Feudal.

¹ GRIMM, A. *Cadernos de Psicofonia de 1997*. Curitiba : 1999, S.B.E.E;

Na Sociedade Capitalista, desaparecem senhores e servos para dar lugar a burgueses e proletários, ou capitalistas e trabalhadores, estes também interagindo como pares dialéticos, diante do advento da grande indústria. Inaugura-se, assim, o Modo de Produção Capitalista. Com efeito, Marx propõe uma Filosofia da História, onde a dialética da luta de classes constitui-se em “motor da história”, conduzindo, afinal, a humanidade ao seu destino inexorável, ou seja, à sociedade sem classes². Em outras palavras, a sociedade sem classes, comunista, está para os marxistas, assim como o paraíso está para a dogmática católica. Ao indivíduo, como singularidade, é reservado um papel secundário nas transformações, pois está subordinado à chamada consciência de classe, determinada economicamente pela posição que ocupa na estratificação social. Para o marxismo, a consciência *em si* deve alcançar a consciência *para si*, alçando o chamado proletariado à hegemonia do poder político na sociedade. Portanto, a consciência é da classe e não do indivíduo. Para que a alcance, este precisa reduzir-se ao pensamento único, à maioria compacta, terá que abrir mão da sua singularidade. Não é diferente para as doutrinas religiosas salvacionistas. Para alcançar a “salvação” é necessário obedecer, cegamente, aos ditames superiores, o que significa abdicar da individualidade, da diversidade de pensamento, e reduzir-se também a um pensamento único. Em ambos os casos, o pensamento único é a expressão de alguém que serve de modelo para os demais.

Tais doutrinas sustentam-se em verdadeiras catedrais teóricas, robustas, consistentes em si mesmas, porque coerentes com as premissas que as sustentam. Quando se admite que o homem é apenas uma máquina biológica, resultante de reações físicas e químicas e que cria uma consciência de fora para dentro, em face dos desafios exteriores que deve enfrentar para satisfazer suas necessidades básicas materiais, admite-se também, subliminarmente, ser ele passível de moldagens à imagem e semelhança do pensamento único de alguém. Por isso, esses corpos doutrinários consentem e incentivam o culto à personalidade, à adoração dos líderes, etc., modelos a serem reproduzidos por todos.

² Fica evidente na obra de Marx o caráter escatológico das suas proposições.

Em linha semelhante, temos na França da segunda metade do Século XIX a presença de Èmile Dürkheim, eminente estudioso dos fenômenos sociais e discípulo de Auguste Comte. A sua análise baseia-se também no enfoque macrosociológico, onde o indivíduo deve subordinar-se, não às classes sociais, mas à consciência coletiva, depositária da moral social global. Quanto mais os indivíduos se parecerem em termos de consciência, maior coesão e equilíbrio haverá na Sociedade. Em outras palavras, maior a semelhança de visão, menor o conflito. Dürkheim acreditava em uma Sociedade sem conflito, harmônica, desde que trabalhasse para ajustar os indivíduos à moral social. Encarava a Educação como o móvel essencial dessa tarefa. A coerção dos “fatos sociais” sobre a vontade dos indivíduos era determinante da saúde social. Na verdade, sem se expressar dessa forma, propunha formas de adestramento do indivíduo, para uma adaptação serena à vida social. Em outras palavras, mantem-se fiel ao escopo comtiano do *consensus*, como forma de alcançar a harmonia social. Ou seja, quanto mais certezas coletivas, menos desavenças, menos conflitos.

Como Marx, Dürkheim foi contemporâneo de um período de grandes transformações sociais e econômicas, com inevitáveis distúrbios e crises próprias de situações dessa natureza. Ambos procuraram dar conseqüência às suas análises, com proposições para fazer frente à nova problemática social. Como não poderia deixar de ser, operaram o edifício lógico-axiológico cientificista de sua época, acreditando na possível redutibilidade do singular de cada indivíduo a projetos e visões coletivistas. Aqui vemos, portanto, a projeção emoldurada da ótica que o Século XIX desenvolvera em relação ao homem. Um ser moldável aos desígnios finalistas da sociedade perfeita, seja comunista, positivista ou transcendental.

Na Alemanha do Século XIX, temos a presença de Max Weber que, preocupado com o que se passava ao seu redor diante das transformações políticas, sociais e econômicas iniciadas no século anterior, privilegia a observação dos comportamentos individuais diante de mudanças tão intensas e extensas. Assistindo a introdução das características do modo capitalista de produção na Alemanha, tardiamente em relação à França e Inglaterra, com parâmetros de organização sócio-econômica instituídos em realidades exógenas, percebe os cidadãos alemães reagindo de forma atordoada em

face da rápida obsolescência do seu modo de vida. Essas reações individuais irão sensibilizar o olhar sociológico de Weber. O enfoque, portanto, será microssociológico.

O que vemos em todas essas abordagens refere-se à teoria do homem formulada no Iluminismo. Portanto, o edifício lógico-axiológico, os valores e as molduras resultantes revelam a visão construída sobre o mundo, a vida, as pessoas, a Sociedade. Em cada época da Humanidade, desenvolvemos o conceptual possível, como vemos, sentimos, percebemos a realidade que nos cerca e, em seguida, elaboramos o arcabouço conceitual e cultural que dará sentido ao concebido. Por exemplo, as molduras tecnológicas medievais, no que se refere aos meios de transporte, baseavam-se em veículos de tração animal. Com efeito, toda a programação de vida de seus contemporâneos continha-se por esse limitador. Nada era imaginado além dessas possibilidades. Sair dos limites da aldeia não fazia parte dos objetivos de vida da maioria de seus habitantes. O horizonte visto ao longe era o fim, nada existia além dele, a não ser um precipício infinito. Portanto, o tempo, as distâncias, os desejos, as expectativas, delineavam-se em face dessa moldura. Assim, seria improvável que um habitante do medievo viesse a imaginar poder percorrer alguns milhares de quilômetros em um único dia, como fazemos hoje, na era dos supersônicos.

Mas, tudo que o homem for capaz de imaginar é possível. Primeiramente, as coisas são concebidas num tempo imaginário. Vide, por exemplo, as obras de Julio Verne³. Quando as imaginou (Da Terra à Lua, Vinte Mil Léguas Submarinas, etc.) não havia conhecimentos ou tecnologias suficientes para tanto. Para a maioria de seus contemporâneos, sua imaginação soava, no mínimo, inverossímil, absurda ou, até, ridícula. Afinal, no tempo real os deslocamentos eram feitos sobre tração animal. Como voar, deslocar-se sob a água, dar a volta ao mundo em poucos dias? Julio Verne

³ Foi um dos primeiros escritores a praticar uma literatura na linha da moderna ficção científica. Verne previu, entre outros inúmeros inventos, a televisão; o helicóptero; o cinema falado; a iluminação a néon; o ar condicionado; os arranha-céus; os mísseis teleguiados; os tanques de guerra; os veículos anfíbios; o avião; a caça submarina; o aproveitamento da luz e da água do mar para gerar energia; o uso de gases como armas químicas. (<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u505.jhtm>, consultado em 24/02/2009, às 17:50 horas);

era um grande capacitor. Sua coragem intelectual permitiu ao imaginário tornar-se realidade no século seguinte.

Quando os astronautas fotografaram a Terra a partir da Lua, alteramos nossa moldura cosmológica, em face daquela emblemática fotografia reveladora de um planeta flutuando no espaço, coberto de nuvens brancas contrastantes com o azul da atmosfera. Estabelece-se, então, um divisor de águas entre uma moldura cosmológica terrena, isolada, e outra cósmica, dinâmica, com consciência de pertencimento a uma totalidade mais abrangente. Todos nos alteramos profundamente a partir daquela imagem.

Assim, quando alteramos nosso conceptual, alteramos todo o edifício lógico-axiológico, os valores e, finalmente, as molduras que delineiam o mundo diante de nossas consciências. Daqui a algumas décadas, será tão natural programarmos férias em outros planetas, quanto o é, hoje, planejarmos passar o *réveillon* em Nova Iorque ou outro lugar qualquer distante deste planeta. Nossas molduras contemplarão essas possibilidades diante das descobertas, invenções e inovações tecnológicas que as tornarão reais.

(Após a leitura do presente texto, retorne ao módulo "[Mentalidade](#)" e responda às questões da 1ª Lição).